

O bestseller japonês

Vamos receitar-lhe outro gato



SYOU
ISHIDA



1

KOTETSU, NOELLE E BIBI



S ubitamente, Moé Ohtani percebeu que o chão debaixo dos seus pés estava húmido e empapado. Olhou em volta. Sem se dar conta, tinha entrado numa viela mal iluminada. Ainda há pouco caminhava pela animada rua Kawaramachi. Localizada num dos principais bairros comerciais de Quioto, a rua estava sempre cheia de turistas e jovens, e a multidão só aumentava à medida que a noite avançava. Regra geral, quando regressavam das aulas, Moé e as amigas juntavam-se à multidão e percorriam os cafés e as lojas. Mas hoje ela estava sozinha.

Sim, tinha seguido para oeste pela rua Takoyakushi para evitar a multidão, mas, sem saber como, tinha ido dar a um local desconhecido. Parada num beco sem saída, não reconheceu o edifício estreito e antigo que se erguia diante de si. A porta estava aberta, revelando um corredor que se estendia a perder de vista.

Mas onde é que eu...?

Tinha estado tão distraída. Era exatamente por isso que a consideravam irresponsável e propensa a acidentes. Ainda assim, era a primeira vez que se *perdia* a sério por estar aluada. Suspirou.

A melhor maneira de evitar ver o namorado seria dar uma volta. Poderia ir a casa de uma amiga, lamuriar-se e agir como se nada fosse. Ignorar o telemóvel. Sim, poderia continuar a fingir que não sabia de nada. Isso adiaria a separação? Ou será que ele terminaria tudo de qualquer modo com uma mensagem? Provavelmente, doer-lhe-ia menos assim.

Ficou parada, com os olhos fixos no prédio sombrio. Se ao menos a situação mudasse enquanto ela estivesse ali, naquela rua escura. Se ao menos algum poder superior pudesse agitar uma varinha mágica para impedir a separação iminente. Qualquer coisa seria melhor. Ela queria fugir de tudo, fechar os olhos à situação. Mas aquela perda de tempo sem sentido só amplificava a dor.

Pela primeira vez em muito tempo, estava prestes a ver o namorado, mas a ideia não lhe trazia alegria. Em vez disso, quase desejava que não acontecesse. Fungou e virou costas ao prédio.

Foi então que ouviu uma voz baixa a chamar:

— Ei, você aí! — Virou-se, mas não havia ninguém à vista.
— Ei! — chamou a voz outra vez.

O som vinha de algum lugar por cima da sua cabeça. Havia uma janela aberta no quarto ou quinto andar. A uma altura considerável. Para sua surpresa, avistou alguém a espreitar da janela.

— Aqui em cima!

Era difícil ver claramente contra a luz, mas parecia um homem. Tinha uma voz nasal e aguda; parecia estar de branco.

Susteve a respiração quando viu que ele tinha todo o tronco pendurado na janela.



— Cuidado! Isso é perigoso!

— Não, não, não sou uma pessoa perigosa. Sou uma boa pessoa.

Ela não conseguia ver bem a expressão dele, mas parecia estar a rir.

O seu sotaque cadenciado de Quioto flutuava no ar.

— Já que chegou até aqui, por favor, suba. Estou no último andar, na penúltima fração. Não hesite.

— N-não, de forma alguma. Não estou a hesitar...

— Prefere que desça? É um pouco difícil, mas não é impossível saltar desta altura. Não, espere, isto é muito alto. Afinal, não, acho que consigo. Vamos tentar. Quem não arrisca não petisca. — O homem inclinou-se para a frente.

— *Espera!* — gritou Moé.

Correu para dentro do prédio estreito, subiu a correr as escadas até ao último andar, dirigiu-se à penúltima fração, e bateu à porta. Tal como o prédio, a porta — de metal e, ao que parecia, pesada — não escondia a idade, com a tinta a descascar aqui e ali. Apesar das batidas persistentes, ninguém abriu. Mas a forma distraída de falar do homem, o seu ligeiro sotaque de Quioto, que a fazia sentir que ele estava à vontade com ela, convidavam-na a entrar.

Levou a mão à maçaneta e tentou girar. Não se mexeu. Ela aplicou mais pressão e, de repente, começou a ceder. Fazendo uso das duas mãos, conseguiu segurar na maçaneta com firmeza e puxou.

Quando a porta começou a ceder, espreitou pela fresta. Ao contrário do ambiente bafiento do resto do prédio, o interior da fração estava bem iluminado. Diante de si, tinha o que parecia ser uma receção. *Isto só pode ser uma clínica*, pensou,

enquanto metia a cabeça lá dentro. Avistou uma cadeira confortável, mas não havia ninguém por perto.

— Se faz favor — chamou ela.

Nada.

Então e o homem? O que é feito dele? O seu coração disparou. *Terá saltado?* Apurou os ouvidos. Estava tudo tão silencioso. Relutante, deu um passo atrás para fechar a porta, e uma voz feminina rompeu o silêncio.

— Onde está com a cabeça, Dr. Nikké?

A voz que ecoava das profundezas estava claramente irritada.

Ao espreitar pela porta entreaberta, Moé distinguiu as costas de uma mulher vestida com uma bata de enfermeira. Tinha as mãos apoiadas nas ancas.

— A fazer este estardalhaço todo para chamar alguém da rua. Não tem mais nada para fazer? Está entediado?

— Escusas de te zangar dessa maneira. — Era o homem de há pouco. — Quer dizer, ela veio até à entrada e estava prestes a virar costas. Não custa nada dar-lhe alguns minutos de atenção, não te parece?

— Custa, sim. É verdade que o seu paciente importante que tem consulta marcada ainda não chegou, mas não pode continuar a meter pessoas à frente quando bem lhe apetece.

— Sim... Mas ele parece estar a demorar muito tempo e eu não tenho nada para fazer.

— Então, está *mesmo* entediado.

Ainda a espreitar pela porta, Moé olhou melhor para o homem. Com cerca de 30 anos e vestindo uma bata branca, tinha todo o ar de ser um médico gentil e bem-educado. Levantou a cabeça e os seus olhares cruzaram-se.

— Oh! Entre. — O médico sorriu, parecendo aliviado pela interrupção.



A enfermeira virou-se para ela. *Tem uma cara muito bonita*, pensou Moé. Os seus olhos eram frios, e a pele tinha um tom de porcelana. Parecia ser um pouco mais velha do que Moé — cerca de 25 anos. O seu olhar, emoldurado por sobrancelhas franzidas, era decididamente hostil.

— Bem, eu...

— Entre, por favor. Sente-se — convidou o médico.

Antes que Moé pudesse empurrar a porta do consultório, a enfermeira saiu, com o nariz empinado.

Moé entrou e olhou ao redor do espaço escassamente mobiliado — apenas uma secretária, duas cadeiras e um computador. Não havia nenhum equipamento médico à vista.

— Não lhe dê importância. A Chitose pode ser um pouco rude às vezes, mas tem bom fundo. Esta é a Clínica da Alma Kokoro, em Nakagyō. Como pode ver, somos apenas nós, eu e a enfermeira, por isso não estamos a aceitar novos pacientes. Mas já que veio até aqui, vamos abrir uma exceção no seu caso.

Clínica da Alma?, aquilo apanhou Moé de surpresa.

— Não tenho nenhum problema grave que justifique consultar um psiquiatra.

Ignorando o olhar surpreso de Moé, ele riu-se.

— Mas fez um esforço para vir até aqui, ou não?

— Não vim aqui por conta própria. O senhor chamou-me e fiquei curiosa.

— Algumas pessoas nem sequer entram, mesmo quando as chamam. Mas você veio até aqui de livre vontade. Subiu as escadas com os seus próprios pés; abriu a porta com as suas

próprias mãos. Se não quisesse vir, não se teria dado ao trabalho. Vamos lá, então.

O médico virou-se para a secretária e começou a dedilhar o teclado.

Sem que Moé se desse conta, a sessão já tinha começado. Nunca tinha pensado em consultar um psiquiatra. Nem sequer tinha ido ao centro de saúde mental da sua universidade. Nunca, em momento algum, sentira a necessidade de partilhar os seus problemas com terceiros.

— Nome e idade?

O ligeiro sotaque de Quioto do médico tranquilizou-a e derrubou as suas defesas.

— Moé Ohtani. Vou fazer 20 anos.

— O que a traz cá hoje?

— Bem...

Tenho cara de quem está perturbada? Pareço ter problemas? Era verdade que, até há pouco, tinha estado preocupada, mas apenas com questões triviais. As coisas não estavam fáceis, só isso. Achava que, se mantivesse aqueles sentimentos guardados a sete chaves, eles acabariam por desaparecer.

Estava prestes a dizer que estava tudo bem quando cruzou olhares com o médico. Ele não parecia minimamente nervoso; pelo contrário, parecia pronto para se divertir com uma história engraçada. O seu olhar era misterioso — atento —, mas era como se ele estivesse a observá-la à distância.

— Não quero separar-me da pessoa que amo — murmurou Moé.

— Compreendo. — O médico fez um compasso de espera. — Vamos receitar-lhe um gato. Chitose! Por favor, traz o gato! — Dirigiu o seu pedido à cortina que estava

corrida ao fundo da sala. A enfermeira abriu-a, com cara de poucos amigos.

— Dr. Nikké, este gato requer cuidados especiais.

— Ah, sim. Tens toda a razão. Sempre atenta a tudo, Chitose, como seria de esperar. Excelente! Esta clínica não funcionaria sem ti.

— Pois, sim... grande mentiroso — disse a enfermeira, embora não parecesse totalmente descontente.

Colocou uma transportadora sobre a secretária e desapareceu atrás das cortinas.

Mas o que se passa aqui, afinal?

Moé ficou sentada, meio atordoada, enquanto o médico virava a caixa de plástico. Através do gradeamento lateral, teve uma visão perfeita do seu conteúdo.

— Hum... um gato?

— Correto. Isto é um gato — disse o médico, a voz eivada de orgulho.

Moé baixou-se para ver melhor.

Castanho com listas pretas. Orelhas grandes e triangulares, em sentido. Um focinho compacto e afilado. Era um gato altivo e bonito.

— É lindo.

— Acha mesmo? Vamos tirá-lo da caixa?

O médico abriu a transportadora. O gato ergueu-se num movimento suave, como uma vaga ondulante. Não era muito grande, mas os padrões desenhados no pelo eram tão impressionantes que Moé levou instintivamente a mão à cara.

— Uau. É um padrão de leopardo. Tão fofo.

O gato com padrão de leopardo sentou-se ereto como um ornamento. As suas grandes pupilas estavam fixas no médico.



— Sim, é o padrão que as tiazinhas da zona oeste do Japão adoram. Quando usam padrões de leopardo, todos dizem que é excessivo, mas tem piada que fique tão bonito nos gatos. Este ainda é um bebé, mas vai crescer, por isso os ares de tiazinha vão ser ainda mais notórios. Leve este gato para casa durante uma semana. — O médico aproximou o ouvido do gato. — O quê? Diz lá. — Baixou-se ainda mais e encostou o nariz ao focinho do animal. — Não são as tiazinhas do oeste do Japão? São as tiazinhas de Osaka? Compreendo. A zona oeste do Japão não é toda igual, tens razão. Desculpa. Erro meu.

Era como se estivessem a ter uma conversa. Quando o médico sorriu, o gato recuou para dentro da transportadora.

— Por favor, fique com este gato, que é a cara das tiazinhas de Osaka, durante uma semana. Vou passar-lhe uma receita. Leve o que precisar da receção antes de sair. Ah, além disso...

O médico entregou a Moé um pequeno pedaço de papel e um livrinho — um caderno simples para anotar as receitas. Moé tinha um igual em casa. Mas, ao pegar no caderno que o médico lhe estendia, franziu a testa. As palavras «Registo de Medicação» na capa tinham sido riscadas com uma caneta preta e substituídas por «Registo do Gato», rabiscado com letra de criança.

— Por favor, registre tudo o que o gato consome e produz.

— Consome... e, hum, produz?

— Tudo o que entra tem de sair, é um princípio básico. Seja meticulosa. Certifique-se de que o processo de ingestão e evacuação corre da melhor maneira.

— *Espere aí.* Não está a sugerir que eu leve este gato para casa, pois não?

O médico ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

— É exatamente isso que estou a sugerir.

Moé ficou perplexa. Cuidar de um gato não era tarefa fácil, não era algo que ela pudesse fazer assim, sem mais nem menos.

— Não. Não posso. É impossível.

O médico riu-se.

— Menina Ohtani, não precisa de ter receio.

— Não é uma questão de receio. É só que... Acho que não consigo cuidar de um gato.

Ela baixou a cabeça, compungida, mas o médico ignorou-a e colocou-lhe a transportadora nos braços.

— Aqui tem. Agora, é oficialmente uma tiazinha de Osaka. Não é ótimo?

Havia muitas coisas que não eram ótimas. Estavam em Quioto, não em Osaka. E ela nem gostava do padrão de leopardo. Mas o médico limitou-se a sorrir. Ainda meio azamboada, Moé saiu do consultório com a transportadora na mão. A sala de espera continuava vazia, à exceção de uma cadeira solitária.

— Por favor, venha por aqui, menina Ohtani. — Uma mão pálida acenou-lhe do guichê da receção. — Pode dar-me a sua receita?

O processo parecia muito semelhante ao de qualquer outra clínica, embora não fosse muito comum que um médico atraísse pacientes de uma janela ou que lhes oferecesse um gato. Moé deu o papel à enfermeira, que lhe entregou um saco de papel pesado em troca.

— Tem aqui tudo aquilo de que precisa. Leva também um folheto de instruções, que recomendo que leia com atenção.

O saco continha duas tigelas, uma bandeja de plástico e vários pacotes. Moé tirou o folheto e começou a ler.



«Nome: *Kotetsu*. Macho. Quatro meses de idade. *Bengal*. Alimentar com uma quantidade moderada de ração para gatos de manhã e à noite. A tigela de água deve estar sempre cheia. Limpar a areia conforme necessário. Urina duas a quatro vezes por dia; defeca uma a duas vezes por dia. Verificar a cor, o odor, a forma e o volume de cada excremento. Para prevenir problemas no trato urinário, é importante que tanto o felino como o humano tenham uma evacuação sem *stress*. É tudo.»

Ela leu o papel várias vezes, depois olhou para a enfermeira, que já tinha voltado a concentrar a sua atenção noutra papelada.

- «Evacuação» refere-se às necessidades do gato, certo?
- Se tiver alguma dúvida, fale com o doutor. Fique bem.
- Em relação à forma e ao odor...
- Fique bem.
- Isto refere-se às fezes do gato, certo?
- *Fique bem*.

Resignada, Moé saiu da clínica, empunhando a transportadora com o gato lá dentro. As paredes do prédio antigo e o seu corredor interminável trouxeram-na de volta à realidade. Uma força superior não tinha acenado uma varinha mágica para resolver os seus problemas. Em vez disso, um médico tinha-lhe receitado um gato.



Moé morava num apartamento alugado pelo pai para poder frequentar a universidade em Quioto. O apartamento era espaçoso e elegante, com um corredor que dava para uma *kitchenette* com sala de jantar e um quarto — um luxo para uma estudante universitária que morava sozinha.

Regressara ao apartamento há três horas. Moé não sabia dizer se a situação estava normal ou se havia problemas à espreita no horizonte. Talvez o gato não se tivesse aproximado da caixa de areia porque havia algo de errado.



— Há algum problema?

Moé apertou uma almofada contra o peito, mantendo distância do gato, que estava sentado, a lavar-se com elegância.

Quando chegou a casa, a primeira coisa em que pensou foi onde deixaria o gato andar à vontade. Não podia arriscar que ele comesse algo indigesto na cozinha, por isso, optou pelo quarto. Mas assim que fechou a porta atrás de si e abriu a transportadora, *Kotetsu* saiu disparado para debaixo da cama a uma velocidade estonteante. Moé ajoelhou-se e chamou por ele enquanto o gato a encarava. As suas orelhas, triangulares e pontiagudas, permaneciam em estado de alerta. No centro de cada olho, havia uma fina linha preta.

Chamá-lo pode não ser a melhor tática. Moé encheu as tigelas com comida e água, colocou-as perto da cama e continuou a observar em silêncio até que o gato começou a rastejar por debaixo da cama, uma pata de cada vez.

Devorou a comida ruidosamente e depois sentou-se.

Quando era miúda, os avós de Moé tinham um gato, por isso ela sabia tudo sobre a sua meiguice e caprichos. O gato deles era gordinho e terno, e sempre que ela tentava pegar-lhe, ele escapava sem esforço. Mas como nunca tinha tido de cuidar dele, agora sentia-se mais ansiosa do que nostálgica por ter um gato em casa.

Segundo o folheto de instruções, *Kotetsu* era um *Bengal* de quatro meses. Tinha uma pelagem castanho-clara com listas pretas à volta do focinho e na parte superior das patas.

Tinha rosetas por todo o dorso: pelo castanho-escuro com anéis pretos — exatamente como as manchas de um leopardo. O pelo curto e brilhante destacava ainda mais o padrão.

Fez uma pesquisa sobre gatos *Bengal* no telemóvel. A raça era conhecida por ser amigável e afetuosa, além de possuir grande capacidade atlética e energia. A pelagem apresentava tons de castanho, branco e cinzento, sendo a cor de *Kotetsu* a mais popular. Os *Bengal*, normalmente, atingiam a idade adulta em três meses, mas a sua constituição física e os seus comportamentos mudavam constantemente, por isso, *Kotetsu*, com trinta centímetros de altura sentado, ainda estaria a amadurecer. Aquele médico estranho tinha referido que *Kotetsu* ainda não tinha crescido tudo.

Sem deixar de manter a distância, Moé leu o folheto de instruções em voz alta para si mesma.

— «Urina duas a quatro vezes por dia; defeca uma a duas vezes por dia.» Não há mal nenhum no facto de ainda não ter feito cocó, mas acho que já devia ter feito chichi pelo menos uma vez. — Olhou para o gato, pensativa. — Ó *Kotetsu*, não precisas de ir à casa de banho? Há algum problema?

Tigelas de comida e água. Uma bandeja de plástico frágil em tudo semelhante às que se vendem nas lojas de ferragens. E depois, a areia. Quando abriu o saco pela primeira vez, ficou surpreendida. Uma nuvem de pó espalhou-se pelo ar, revelando uma mistura de grãos irregulares que pareciam cimento esmagado. Encheu a caixa com areia e pronto. O seu trabalho estava feito.

Tinha uma vaga ideia de como os gatos faziam as necessidades. Lembrava-se de que, na casa dos avós, o gato deles, com uma expressão serena, costumava sentar-se numa caixa

escondida num canto da cozinha. Mesmo sendo um animal, ela achava que não era apropriado ficar a olhar enquanto ele fazia as suas necessidades, por isso nunca observava de perto. *Kotetsu* ainda não se tinha aproximado da caixa de areia. Talvez ela devesse ter prestado mais atenção aos hábitos de higiene do gato dos avós.



— Não tens areia suficiente? Deixa-me pôr mais.

Quando estava prestes a colocar mais areia na caixa, a campainha tocou. Moé sobressaltou-se.

É o Ryuji. Oh, não. Esqueci-me completamente.

Hoje era terça-feira. Ainda há pouco tempo, teria dado pulos de alegria enquanto aguardava a chegada dele. O seu namorado, Ryuji, trabalhava numa imobiliária e tinha as quartas-feiras de folga. Como muitos jovens japoneses, morava com a família, mas nos dias de folga passava por casa de Moé e lá ficava. Ela faltava às aulas às quartas-feiras e passava o dia inteiro com ele.

Era a sua rotina há quase um ano. Mas, naquele mês, depois de alegar estar muito ocupado, Ryuji não tinha ido vê-la. Moé tinha-o achado mais frio, distante, a responder de forma evasiva e parecendo evitar o seu olhar. Tinha um mau pressentimento em relação ao seu riso forçado, que parecia revelar um certo tédio.

E ontem tinha recebido uma mensagem curta dele: *Preciso de falar contigo sobre uma coisa, por isso vou passar em tua casa.* Aquela conversa não indiciava nada de bom. Estaria ele farto dela? Teria encontrado outra pessoa?

Era nisso que ela estava a pensar antes de entrar na clínica, mas cuidar de *Kotetsu* fê-la esquecer-se de tudo. Sem tempo para se recompor, fechou a porta do quarto e avançou para a porta da rua.

Ali estava Ryuji, com o seu fato. Em vez de a cumprimentar, como de costume, acenou timidamente. Mesmo depois de entrar, parecia inquieto, com os olhos a vaguear pelo espaço.

Um arrepio pareceu percorrer a sala. No passado, a simples presença de Ryuji tinha enchido a divisão de calor. Ele era gentil, calmo e culto — um namorado de quem se podia orgulhar.

— Queres comer alguma coisa? Ah, é verdade, há uma nova série coreana que temos de ver. Foi-me recomendada por uma colega da escola. Parece que é muito engraçada.

— Não, estou bem. Na verdade, Moé, o que eu queria dizer-te...

— Estreou também aquele filme novo. Lembras-te, aquele que disseste que querias ver? Já está disponível em *streaming*. Mas as críticas não são consensuais. Olha, e que tal pedirmos uma *pizza*?

Numa tentativa de dissipar a má energia, Moé continuou a tagarelar. Fingiu não ver a expressão preocupada de Ryuji. Não queria que terminassem. Deveria estar tudo bem com eles. Ela não fazia ideia de porque é que ele queria terminar.

E quando Ryuji abriu a boca para falar, uma grande agitação tornou-se audível no seu quarto.

— O que foi aquilo? — perguntou Ryuji, alarmado.

— É o gato.

— Gato? Mas tu agora tens um gato?

— Não propriamente. É uma história estranha. O gato foi-me receitado.

— *Receitado*? Estás a gozar, certo? — Ryuji riu-se, incrédulo.

A agitação no quarto continuou. Moé abriu a porta e espreitou lá para dentro. Os seus olhos fixaram-se em *Kotetsu*, que estava a arranhar os lençóis da cama. As pupilas do animal dilataram-se e ele paralisou.

Ryuji também espreitou pela fresta da porta.

— Uau, é mesmo um gato. Quando é que o compraste?

— Não é meu. Deram-mo numa clínica perto da rua Rokkaku ou Takoyakushi, juntamente com um Registo de Medi... Registo do Gato, e disseram-me para o trazer para casa durante uma semana.

Ryuji parecia estar incrédulo.

— Não estou a perceber. Como assim?

— Sei que é estranho, mas é verdade.

Ele não parecia convencido.

— Um gato? Cuidar dele durante uns tempos, tudo bem, mas tenho a sensação de que vais ficar muito apegada. — Abriu mais a porta e entrou, agachando-se quando se aproximou do gato. *Kotetsu* deixou-se ficar na cama, mas pronto para fugir. — É um gato todo bonito. Parece um mini-leopardo. Achas que me arranha se eu lhe fizer festas?

Ryuji estendeu a mão; *Kotetsu* saltou da cama e correu graciosamente para o canto do quarto. Ryuji encostou-se à cama e ficou a observá-lo, desiludido. Moé sentou-se ao seu lado e pousou a cabeça no ombro dele.

Ficou grata àquele médico. Quem diria que um gato seria capaz de resolver os seus problemas amorosos? Ryuji tinha agora um olhar caloroso.

— Ele é mesmo giro. Ouvi dizer que há cada vez mais raparigas que vivem sozinhas com gatos.

— Sim, é verdade — disse ela. Moé seguiu o olhar dele até *Kotetsu*. Depois de cheirar as tigelas de comida e água, o gato dirigiu-se para a bandeja com areia. — Oh, acho que vai fazer as suas necessidades agora.

— A sério? — Ryuji inclinou-se para a frente para ver melhor.



Kotetsu estava a entrar cuidadosamente na caixa de areia. Não se agachou imediatamente, mas remexeu a areia com as patas, num rangido audível. Talvez não gostasse de ser observado ou se sentisse distraído pela presença deles.

Moé não foi capaz de sugerir que saíssem dali. Passou-lhe pela cabeça que, se fossem, Ryuji poderia retomar a temida conversa sobre a separação.

— Olha, ele está a sentar-se — sussurrou Ryuji.

Kotetsu agachou-se, com o rabo levantado. Era difícil ver bem, mas, a julgar pelos seus movimentos agitados, parecia estar a fazer as suas necessidades.

Ufa. Que alívio.

Um minuto depois, *Kotetsu* levantou o rabo e começou a esgaravatar a areia com as patas da frente. Moé e Ryuji aproximaram-se para ver melhor.

Foi então que ele fez uma valente escavadela. Uma poeira arenosa rodopiou numa explosão à medida que os grãos voavam para fora da caixa. Assim que a mente de Moé registou o que estava a acontecer, *Kotetsu* esticou as patas dianteiras e levantou ainda mais areia. E com que intensidade o fez! Ainda há pouco era como uma criança a brincar numa caixa de areia; agora, mais parecia uma escavadora a projetar cascalho em todas as direções. *Kotetsu* virou o corpo e inclinou-se para a frente, colocando as patas de trás na lateral da caixa de plástico. Deu um último coice, com toda a força. Antes que Ryuji pudesse reagir, a areia bateu-lhe na cara como uma chuva de pedras.

— *Ai!* Isso doeu!

— Que nojo!

Moé desviou-se a grande velocidade. O chão estava coberto de lixo. Na explosão de poeira, um míssil preto voou em direção a Ryuji.

Aquilo é cocó...?

Ryuji limpou freneticamente o lixo do cabelo e da cara, sem reparar nas pepitas de fezes de gato espalhadas por toda a parte.



— Então, por isso é que o teu namorado foi para casa com cocó na cabeça — deduziu Reona, antes de desatar à gargalhada.

Entre as aulas, a esplanada do café da universidade, que se estendia para o pátio, estava sempre cheia de alunos. As gargalhadas de Reona eram tão altas que as raparigas da mesa ao lado olharam para elas. Moé encolheu-se ainda mais na cadeira.

— Por favor, Reona, estás a dar espetáculo.

— Desculpa, mas é muito engraçado. Ele estava coberto de cocó de gato...

Reona parecia prestes a voltar a explodir de riso. Moé lançou-lhe um olhar reprovador.

— Eu tratei de limpar tudo. O cocó estava coberto de areia, por isso não foi assim tão mau.

— Caramba, ainda te riste bastante. — Reona parecia divertida. — Mas, pronto, tudo acabou em bem. Graças a isso, conseguiste fazer as pazes com o teu namorado, certo?

— Sim, acho que sim... — respondeu Moé.

Ela tinha-se mudado do interior para Quioto para frequentar a universidade. Reona era a sua melhor amiga da escola, e tinha sido com ela que Moé desabafara sobre a recente atitude distante do namorado.

As duas eram completamente opostas quando se tratava de noções de estilo e maneirismos. Moé preferia vestidos esvoaçantes, enquanto Reona era conhecida por usar sempre calças de ganga. Mas gostavam muito da companhia uma da outra. A diferença em termos de interesses só lhes ampliava os horizontes.

— Mas afinal qual foi o motivo de tensão entre vocês? Tens ideia?

Moé abanou a cabeça.

— Nenhuma. Não discutimos e não parece que ele esteja zangado comigo por alguma coisa que eu tenha feito.

— Será apenas mau humor?

— Ele não é assim. Sempre foi um tipo calmo.

Na noite anterior, depois de se limpar da areia do gato, Ryuji tinha ido para casa, com a desculpa de que tinha de trabalhar. Acabaram por não ter a tal conversa, por isso não tinham propriamente feito as pazes. Simplesmente adiaram o assunto que Ryuji queria abordar.

— Bem, mostraste-me a foto dele e parece ser bom tipo. E é giro a valer. Como é que vocês se conheceram? Numa festa?

— Numa festa da associação de estudantes. — Um sorriso iluminou-lhe a cara. Ela não tinha tido expectativas para o evento além de expandir o seu círculo social, mas quando conheceu Ryuji, apaixonou-se de imediato.

— Amor à primeira vista, hã? Nunca passei por isso. — Reona soltou uma gargalhada forçada. — Não estou a dizer que não é válido. Afinal, a aparência conta muito, mas achas que o conheces mesmo por dentro?

— Claro que sim. O Ryuji é meigo e fiel.

— A sério? Tens a certeza de que não criaste essa imagem com base apenas na sua aparência?

Moé não se incomodou com a provocação de Reona. Ryuji era o seu homem ideal, e ela estava convicta disso. Era por isso que não podia, de forma alguma, abrir mão dele.



Sentiu um aperto no coração. Até então, sempre reservara a noite de terça-feira, assim como o dia de quarta, para Ryuji. Mesmo nos dias em que ele não aparecia — não fosse dar-se o caso de ele ficar livre de repente —, ela faltava às aulas obrigatórias.

Não querendo passar o dia sozinha e angustiada, pela primeira vez em muito tempo, tinha ido para o *campus* na quarta-feira.

O mais certo era Ryuji só voltar a aparecer na terça-feira à noite. Ela precisava de encontrar uma solução até lá. Já não podia contar com o gato — ela só tinha *Kotetsu* durante uma semana.

Na noite anterior, depois de cobrir o chão do quarto com areia para gatos, *Kotetsu* não demonstrou qualquer remorso. Em vez disso, enrolou o seu corpo de leopardo pintalgado numa bola e adormeceu imediatamente. Resignada, Moé recolheu os excrementos de *Kotetsu* da areia e registou o seu formato no diário «Registo do Gato». Mas o cocó estava espalhado por todo o lado, por isso, descrevê-lo com precisão revelou-se um desafio.

Como estará o meu quarto quando chegar a casa hoje? Moé sentiu-se deprimida ao pensar em regressar a mais uma cena de desastre. Envolveu a caneca com as mãos e exalou um suspiro profundo.

— Aposto que os donos de gatos têm dificuldade em manter as coisas arrumadas. Não fazia ideia de que a areia para gatos se espalhava por todo o lado.

— Na minha casa, não se espalha.

Reona chupou a palhinha do seu café gelado, que agora era praticamente só gelo. Moé quase não ouviu o que ela disse por causa do barulho que fazia ao sorver.

— O que é que não se espalha?

— A areia para gatos. Usamos uma areia que não se espalha com a minha gata.

— Espera, *o quê?* Existem diferentes tipos de areia?

— Sim. Existem muitos tipos.

— *A sério?* Não sabia. Quer dizer, a areia que uso foi-me dada na clínica.

Aquela enorme nuvem de pó do dia anterior parecia uma onda de poluição ambiental.

— História estranha, essa da clínica. Fica em que zona de Nakagyō?

— Estava a caminhar pela rua Takoyakushi quando a encontrei por acaso. Mas não mudes de assunto. Que tipo de areia é que não se espalha? Onde posso comprá-la?

— Estás desesperada, não estás? Há uma enorme loja de animais perto da linha do metro. Queres passar por lá depois das au...?

— Sim, sim, sim!



A loja de animais tinha aproximadamente o tamanho de metade do piso de um hipermercado, e era muito mais espaçosa e organizada do que Moé imaginava. A loja ampla, com paredes de vidro, tinha um pé-direito alto e era bem iluminada. O mais surpreendente era a variedade de produtos — as prateleiras estavam bem organizadas e cheias.

O novo romance da autora do êxito internacional

Vamos Receitar-lhe Um Gato

Embora esteja misteriosamente localizada numa morada incerta, a Clínica da Alma Kokoro pode sempre ser encontrada por quem dela necessita. E já provou inúmeras vezes que um gato prescrito tem o poder de curar as feridas emocionais de todos os seus pacientes.

Prepare-se para conhecer um elenco adorável e irresistível de gatos terapêuticos: de *Kotetsu*, um *Bengal* de quatro meses que liberta a sua energia destruindo cortinas, à curiosa *Shasha*, que não se deixa travar pelo seu tamanho pequeno, e à pachorrenta *Menina Michiko*, tão macia e reconfortante como um *mochi*.

Entre os humanos que conhecemos estão uma jovem com problemas com o homem que a ama, um avô recentemente enviuvado e o seu neto que se recusa a sair do quarto, e um ansioso trabalhador num centro de resgate de gatos que procura mostrar como os gatos difíceis podem ser os mais recompensadores.

**Este romance comovente e mágico prova
o quão eternamente misteriosos os gatos são para nós,
apesar de continuarmos a admirar o seu dom especial
de transformar as nossas vidas.**



Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-313-3



9 789895 963133

